

**“O BÁLSAMO PERFUME DAS VIRTUDES”:
AS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS E A EDUCAÇÃO
CONFESSIONAL EM SERGIPE**

Maria Eliziana Reis | Página | 85

Orientador: Prof^o. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos

RESUMO:

O objeto desse estudo é a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, instituição católica, fundada em Portugal no ano de 1871, que tinha por objetivo socorrer os pobres da época, assolados pela guerra e pelas diversas epidemias que dizimavam a população. A pesquisa analisa o processo de construção da memória educacional da Congregação, desde sua chegada ao Brasil, em 1910, até a fundação dos três colégios no estado de Sergipe, nas cidades de Propriá, Estância e Aracaju. Para isso, buscaram-se os registros documentais da Congregação, tendo como referências principais as crônicas, escritas do próprio punho pelas irmãs e que por comemoração do centenário da instituição, foram organizadas em três volumes, que descrevem a história congregacional nos cem primeiros anos. Por isso, trata-se de uma pesquisa histórica a partir do uso de fontes documentais. A análise de outros artigos ajudou a compreender melhor a importância das atividades educacionais que as instituições religiosas desempenharam ao longo do tempo. Diante do estudo realizado pode-se perceber a grande contribuição que a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras ofereceu ao longo desses cem anos, em terras sergipanas, no campo da educação, principalmente na formação feminina, preparando-as para a prática docente nas mais diversas áreas das licenciaturas. Formando pessoas de bem e agentes transformadores da sociedade onde estão inseridos. Além, de serem sensíveis, as realidades sociais de cada lugar, agregando também aos seus cuidados os menos favorecidos, para não esquecerem a razão principal de sua vida e missão.

PALAVRAS CHAVES: Educação, História da Educação, CONFHIC, Sergipe.

ABSTRACT

Nosso objeto de estudo é a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, instituição católica, fundada em Portugal no ano de 1871, com o objetivo de socorrer os pobres da época assolados pela guerra e pelas diversas epidemias que dizimavam

a população. A pesquisa analisa o processo de construção da memória educacional da Congregação, desde sua chegada ao Brasil, em 1910, até a fundação dos três colégios no estado de Sergipe, nas cidades de Propriá, Estância e Aracaju. Para isso, buscaram-se os registros documentais da Congregação, tendo como referência principais as crônicas, escritas do próprio punho pelas irmãs e que por comemoração do centenário da instituição, foram organizadas em três volumes, que descrevem a história congregacional nos cem primeiros anos. A análise de outros artigos ajudou a compreender melhor a importância das atividades educacionais que as instituições religiosas desempenharam ao longo do tempo.

KEYWORDS:

Introdução: um olhar...

Um olhar pode dizer muitas coisas ou quase nada. Há olhares apressados, distraídos, inquietos, curiosos, sensíveis, perspicazes, misteriosos, apaixonados, contemplativos, melancólicos, vazios... Há olhares que não são olhares e há olhares que parecem enxergar a alma, que falam sem precisar que a boca diga uma só palavra. Há quem diga que o amor nasce de um olhar ou que as mais lindas palavras de amor são ditas no silêncio de um olhar. Mas, para se perceber o que um olhar diz é preciso ver, enxergar... além do olhar. Um olhar apressado e distraído, jamais conseguirá captar o que o outro olhar está dizendo; para que isso aconteça é preciso que haja pausa, intensidade. O mesmo vale quando olhamos o mundo, a natureza, as pessoas. Só conseguimos perceber a beleza, as tristezas, as solidões e as várias situações que se manifestam diante de nós, quando pousamos o olhar e nele delongamos, até que consigamos ver o que as palavras não dizem. Talvez essa maneira de ver o mundo e as pessoas seja privilégio de alguns, daqueles que não se limitam a conceitos pré-estabelecidos, mas ousam olhar a si e aos outros como se fosse a primeira vez.

Então, poderíamos dizer que há pessoas que possuem *um olhar que vê*. Sim, existem pessoas que não se contentaram em olhar superficialmente e, por isso, foram capazes de mudar o rumo da história e fazer com que sua vida tocasse a vida de tantas outras, pelo simples fato de ter olhado mais demoradamente. É sobre uma delas que vamos falar.

A Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC), nasce a partir da sensibilidade de dois corações, a do Pe. Raimundo dos Anjos

Beirão e da Irmã Maria Clara do Menino Jesus. Juntos vão fazer das necessidades dos outros seu projeto de vida.

A Europa, no final do século dezenove, passava por algumas modificações políticas, sociais e religiosas. Em Portugal, devido à guerra e às várias epidemias, eram grandes os números de abandonados, órfãos, analfabetos. O que se conseguia visualizar era abandono e a dor por toda parte. Foi em meio a essa realidade que nasceu a já citada Congregação, com a missão de acolher aos desvalidos da época e socorrer as mais diversas necessidades, Cumprindo aos preceitos religiosos do Evangelho de São Mateus: Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. (Mateus 25,35-36)

Esse trabalho tem como objetivo refletir como se deu a construção da memória educacional na Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, desde sua fundação (origem) e, mais especificamente, como se construiu essa memória no estado de Sergipe, tendo como referência as três instituições implantadas: Colégio Nossa Senhora das Graças (Propriá, 1915), Colégio Sagrado Coração de Jesus (Estância, 1936), e o Colégio Patrocínio de São José (Aracaju, 1940). Analisaremos também as concepções filosóficas que conduzem a Congregação, bem como refletiremos sobre o perfil das irmãs que foram responsáveis em dar corpo e forma aos respectivos colégios. Todo esse estudo se dará a partir da análise da história congregacional contada em crônicas.

Segundo Jacques Le Goff

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (Le Goff, 1990, p.472).

Sendo assim, o presente trabalho se torna relevante, por possibilitar o resgate da memória educacional da CONFHIC, uma vez que essa história foi se construindo a partir do contexto social, político e religioso de cada época, e, com certeza, pode contribuir de forma significativa com a sociedade do seu tempo. Outro fato interessante é o de que as instituições confessionais são um assunto pouco pesquisado no meio acadêmico e por isso passa despercebido, sem nos atentarmos para as inúmeras contribuições que tantas Congregações religiosas deixaram ao longo do tempo no âmbito educacional.

A Igreja Católica, enquanto instituição religiosa contribuiu, significativamente com a educação ao longo do tempo, principalmente quando o Estado não conseguia atender a demanda social, ou porque surgiram pessoas que se sentiam “chamadas” por Deus para atender essa realidade. (É o caso das várias Congregações Religiosas que se dedicam ao trabalho educacional).

A história da educação no Brasil, apesar de todas as interrogações em relação à colonização e aos métodos usados pelos Jesuítas, nos permite perceber que ação educativa começou por interferência da Igreja ou por quem dela fazia parte, mesmo que o objetivo inicial fosse apenas a catequese, como meio de preservação da fé. Um olhar menos preconceituoso, ajudará a perceber o quanto a Igreja católica contribui com a educação.

No ano de 1914, cria-se em Sergipe o Oratório Festivo São João Bosco, que tinha como objetivo promover a catequização de meninas pobres, acompanhando o modelo dos Oratórios Festivos, no sentido de afastá-las dos vícios deturpadores e da ociosidade¹.

Esses Oratórios seguiam o modelo criado por Dom Bosco, um espaço de evangelização e socialização, usado também como recurso pedagógico através de brincadeiras, teatros e jogos. “Todavia apesar dos Oratórios Festivos não terem caráter de escolarização considera-se que foi um modo informal de educação católica e de socialização utilizada pela Congregação Salesiana para doutrinar crianças pobres difundindo em várias partes do mundo.”². Sem dúvida, a criação desse espaço contribui na educação de muitas meninas, principalmente em uma época em que a formação da mulher era tão pouco estimulada e valorizada.

Até agora, os espaços citados, estiveram ligados diretamente à religião católica. No entanto, um filho de Sergipe se destacou por contribuir de forma significativa com a educação desse estado em espaços não “religiosos”. Um dos nomes a quem se deve é a do Bispo, agora emérito, Dom Luciano José Cabral Duarte. Seu nome começa a ficar conhecido com a instalação, no estado, da Faculdade Católica de Filosofia, mas se destacou também no Conselho Estadual de Educação, do qual fez parte e na Presidência da Câmara de Ensino Superior, funções estas, que deu ao mesmo, a possibilidade de participar de forma efetiva da criação da Universidade Federal de Sergipe. Conforme Fernanda Maria, “É lúcido fazer

¹BONIFACIO, Nadja Santos. “ACOLHER, EVANGELIZAR E EDUCAR”: Contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para Educação Feminina em Aracaju (1914-1952). 2011, p.19

² BONIFACIO, Nadja Santos. “ACOLHER, EVANGELIZAR E EDUCAR”: Contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para Educação Feminina em Aracaju (1914-1952). 2011, p.23

referência à atribuição da Igreja frente à formação do mundo civilizado. E, foi isso que, em terras sergipanas, o então padre Luciano Duarte se engajou em pôr em prática tal projeto, ainda que enfrentando dificuldades [...]”.³ D. Luciano foi um homem que se destacou no campo religioso, educacional e cultural. E quando se apresentou a ele a difícil tarefa de criar a Universidade Federal, lutou com todas as forças para que esse projeto se realizasse. Se hoje, o estado de Sergipe pode desfrutar de uma Instituição Federal de Ensino Superior, é devido à contribuição desse grande homem.

Outro instrumento usado como recurso educacional no Estado foia imprensa católica, em particular o jornal A Defesa. Conforme pesquisa realizada por Ana Luzia Santos, sobre o referido jornal no período de 1961 a 1969:

Utilizaram o referido impresso para difundir seus discursos educativos e consolidar suas percepções acerca da educação da juventude, na perspectiva de orientar a formação moral e espiritual de diversos grupos juvenis [...]”⁴

O jornal A Defesa era originário da cidade de Propriá, e era organizado pelos padres da Diocese, que usavam esse meio de comunicação para formar a juventude da época, considerada muitas vezes contrária a moral e aos bons costumes. Como jornal católico, usava esse recurso para difundir as concepções da fé e da moral cristã. Apesar do principal objetivo do jornal ser o resgate da juventude “transviada”, ele serve como objeto de análise para se perceber os recursos que eram usados na época para se difundir um determinado tipo de ideário educacional.

1“A seiva do espírito seráfico”: a trajetória das Religiosas Franciscanas Hospitaleiras.

A Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição ou Irmãs Hospitaleiras dos Pobres pelo Amor de Deus (como foram chamadas até 1910) foi fundada em Lisboa – Portugal, a 03 de Maio de 1871.

Foram seus Fundadores o Pe. Raimundo dos Anjos Beirão (1810-1878) e a Madre Maria Clara do Menino Jesus – Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque (1843-1899).

³LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. Contribuições de Dom Luciano José Cabral Durte ao ensino superior sergipano (1950-1968) 2009, p.64.

⁴ SANTOS, Ana Luzia. Educação na Imprensa Católica: As representações do jornal A Defesa sobre a formação da juventude (1961-1969)2006, p.18.

Teve os seus Estatutos aprovados pelo Governo português, como simples Associação de Beneficência, a 22 de Maio de 1874. A 27 de Março de 1876, foi aprovada pelo Papa Pio IX, como Congregação de direito pontifício.

Tem como fim específico tornar visível no mundo a Misericórdia divina, servindo a humanidade sofredora, de preferência os mais pobres, e exercendo para com eles as Obras de Misericórdia.⁵

A Congregação surgiu como resposta evangélica às inúmeras carências com que se debatia o povo português, em meados do século XIX. Empobrecido pelas guerras liberais (1832/34) e por maus anos agrícolas, sem poder contar com os socorros que lhe advinham do clero e das Ordens religiosas, suprimidas e expulsas (Maio de 1834), a sociedade lusitana via-se forçada a emigrar em massa para a capital, onde uma industrialização crescente e desenfreada a transformava no proletariado mais escravizado e desprotegido da Europa.

Eram uma multidão de pobres, órfãos e doentes que vagueavam pelas ruas, privados de assistência social e religiosa, presa fácil das ideologias e de todas as degradações humanas.

Em face de tanta miséria, para a qual era urgente encontrar solução, o Padre Raimundo, juntamente com D. Libânia do Carmo e um grupo de senhoras terceiras seculares de S. Francisco de Assis, recolhidas no Convento de S. Patrício em Lisboa começaram a ocupar-se da educação de meninas pobres, as mais miseráveis da capital. Havia, porém, necessidade absoluta de cuidar dos doentes abandonados em suas casas e pelas ruas.

O pioneirismo da Madre Maria Clara, concretizada pela sua intervenção social direta e adequada, numa época em que a instrução era só para alguns e raramente para meninas, deu resposta urgente aos apelos que reclamavam atenção e ação. Crianças, adolescentes e jovens, sobretudo pobres e no feminino, na maioria desconsiderada e relegada para um plano sem projeto, mereceram da sua sensibilidade um dinamismo incomum. Para o seu tempo, um salto



⁵Cf. Constituições da Congregação art.3,p.13.

de alto alcance na Educação em Portugal, especialmente nas classes marginalizadas. Esta dimensão de ⁶ “fazer o bem, onde houvesse algum bem a fazer”, prosseguiu tempos fora, respondendo às possíveis necessidades que se iam apresentando, através de pedidos das mais diversas entidades.

Apesar das dificuldades de toda a ordem, desde a falta de meios a sindicâncias e perseguições sectárias, tudo se enfrentou com naturalidade, em nome da promoção das classes oprimidas. O discernimento feito levou a abrir aqui, a encerrar além, ou a manter, mais ou menos tempo, onde fosse preciso, conforme as possibilidades da Congregação, as carências do meio e o imprevisível das autoridades.

Interessante notar que, geralmente, anexo ao Hospital ou ao Lar de Idosos, surgia, não raro, a Creche ou a Escola ou um Patronato no qual as irmãs orientavam, a partir de uma comunidade integradora do específico de cada valência. Assim, desde o

início da Congregação até aos nossos dias, foram criados mais de duzentos espaços educativos, espalhados por quatro continentes. (cf. REMA, Henrique. crônicas II da Confhic, 1979).

Durante o processo de organização interna da Congregação, algumas mudanças se fizeram necessárias, sobretudo no que diz respeito ao nome. No dia da Santa Cruz, três de maio de 1871, o Recolhimento das Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição, instalado no Convento de São Patrício, em Lisboa, transformou-se na Congregação das Irmãs da Caridade (conhecidas também como Irmãs da Caridade do Padre Beirão).

Este título repugnou ao Governo liberal da época, por levantar suspeitas de que se trataria, de fato, de uma Congregação Religiosa, o que era severamente proibido em Portugal. E, assim, a 22 de maio de 1874, o Governo Civil de Lisboa aprovou a já fundada



⁶Frase atribuída ao Fundador, pela cronista de 1933, Irmã Maria da Piedade, devido ao seu empenho em realizar o bem onde quer que fosse.

Congregação, como Associação de Beneficência, com o nome de Irmãs Hospitaleiras dos Pobres pelo Amor de Deus.

A 27 de março de 1876, a Santa Sé aprovou a Congregação das Irmãs Hospitaleiras dos Pobres pelo Amor de Deus, da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, em Lisboa.

Por influência dos Visitadores franciscanos, especialmente a partir de 1897, a Congregação foi também designada como Hospitaleiras Franciscanas.

Em outubro de 1910, a Revolução Republicana suprimiu todas as Congregações e Ordens Religiosas e, com isso, desapareceu definitivamente o título de Associação das Irmãs Hospitaleiras dos Pobres pelo Amor de Deus.

A partir daí, a Congregação passou a intitular-se como Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas.

Pelo fim da década de 60, tratando-se de uma Congregação de caráter internacional, distribuída por quatro continentes, solicitou-se à Santa Sé a substituição do título anterior pelo atual - Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição.

2 “Um pálido reflexo dos luzeiros”: as Religiosas Franciscanas Hospitaleiras na educação em Estância.

A fé cristã nos diz que o homem define-se como ser em marcha para o eterno. Toda nossa vida caminha para um fim e o que vai marcar essa existência é justamente a forma como vivemos, os valores que transmitimos, e o bem que espalhamos em gestos gratuitos de amor ao próximo.

O que torna a pessoa da Irmã Maria Clara tão extraordinária é o fato de que ela soube vê as necessidades do seu tempo e em vez de proteger sua vida, preferiu socorrer seus compatriotas. Esse simples grande gesto foi capaz de mudar a história de todos aqueles e aquelas que tiveram a ventura de cruzar o seu caminho.

A Implantação da República Portuguesa em 1910 foi o resultado de ⁷uma revolução organizada pelo Partido Republicano Português, que destituiu a monarquia constitucional e implantou um regime republicano em Portugal, que em sua grande maioria era composta por maçons.

A revolução avançou contra a Igreja Católica: houve igrejas que foram roubadas, os conventos foram atacados e os religiosos perseguidos. (REMA, a Congregação na

⁷ Cf. Crônicas do Centenário III, p.9

clandestinidade, p. 13,2007). Assim que o governo assumiu o poder, deu início a uma política antirreligiosa. Em 10 de Outubro – cinco dias depois da proclamação da República – o novo Governo decretou que todos os conventos, mosteiros e Ordens religiosas seriam extintos. Todos os religiosos foram expulsos e os seus bens confiscados. Os Jesuítas foram obrigados a desistir da nacionalidade portuguesa.

Os republicanos justificavam essa perseguição alegando que a Congregação religiosa absorvia e deprimia toda atividade civil. Outros ainda diziam que “As diversas Congregações contribuíram para a decadência social, moral, política, econômica e financeira deste país”.⁸ Todos os religiosos e religiosas foram obrigados a secularizar-se no traje, voltaram para suas famílias e alguns optaram por continuar a vida religiosa na clandestinidade, esperando quem sabe, um novo tempo em Portugal. Todo esse contexto de perseguição leva a Congregação a buscar novos horizontes e dão as Hospitaleiras a oportunidade de viver sua missão em outras terras e com outra gente.

Antes, Revolução republicana, o Bispo Amando Bahlmann, franciscano alemão, havia passado por Portugal, algumas semanas antes e apercebeu-se da grande problemática que afligia os religiosos naquele país. Colocou-se imediatamente á disposição para ajudar no que fosse preciso, inclusive acolhendo-os em Santarém-Brasil sua Prelazia. Passado algum tempo D. Amando recebeu a informação de que havia religiosas portuguesas interessadas em trabalhar naquelas terras.

O primeiro grupo de irmãs chega ao Brasil em 20 de junho de 1911, no estado do Pará, e em Santarém no dia 28 do mesmo mês. Em setembro de 1911, o prelado distribui as dez irmãs Hospitaleiras por duas casas, uma em Monte Alegre e outra em Alenquer. Em Santarém as irmãs fundaram o colégio São Francisco e ali se dedicaram à educação de meninas; mas logo perceberam que deveriam receber também meninos, pois a renda não garantia o sustento das irmãs. Ao final do ano letivo de 1912, o referido colégio fecha suas portas e as irmãs são deslocadas para outras casas.⁹

Já o colégio de Alenquer aos poucos estava sendo organizado. As irmãs com muito boa vontade, se esforçavam ao máximo para desempenharem nestas terras sua missão. Mas, esse trabalho também não durou muito tempo, a crise da borracha que afetava o Brasil nessa

⁸ Cf. Crônicas do Centenário III, p.15

⁹ Cf. Crônicas do Centenário III, II parte. P.267-271

época, fez com que muitas alunas deixassem a escola. E mais uma s vez as irmãs se viram obrigadas a buscar um novo espaço de missão.¹⁰

Em dezembro de 1913, a irmã responsável pela comunidade religiosa, foi abordada pelo pároco de Propriá, que lhe manifestava o desejo de um colégio na mencionada cidade. Após muitas conversas, chegaram ao consenso de que as irmãs de Alenquer poderiam fundar esse colégio, uma vez que estava sendo difícil sustentar a obra educacional Santo Antônio.

Durante visita as irmãs do Brasil, em início de novembro de 1913 a Ir. Maria da Circuncisão, Delegada Geral, toma conhecimento das grandes dificuldades que as irmãs do colégio Santo Antônio, em Alenquer estão enfrentando. As crianças estavam desaparecendo das salas de aula, os pais deixando de pagar a mensalidade e as irmãs estavam sem assistência espiritual. Esses desafios acabavam por arrefecer o ânimo das irmãs.

Em 18 de dezembro de 1913, a Ir. Maria da Circuncisão encontra-se na cidade de Penedo – Alagoas, onde é abordada pelo Pároco de Propriá, que manifesta o desejo da abertura de uma escola por aquelas terras. Após uma boa conversa, ambos concordam que as irmãs do colégio de Santo Antônio poderiam abrir a nova escola, uma vez que estavam passando dificuldades, conforme escreve a Ir. Circuncisão:

“Durante o ano de 1914 deram-se vários acontecimentos que tornaram mais difícil a permanência das duas casas no Amazonas: a crise terrível, que paralisou tudo no estado de Amazonas, e o começo da guerra europeia. As nossas irmãs, sobretudo do colégio de Alenquer, perderam a coragem de poder continuar. Porque já não tinham crianças”. (REMA, Crônicas da Confhic III, II parte, p. 275).

Ao que tudo indica, a comunidade religiosa é transferida para o nordeste em dezembro de 1914.

O colégio Nossa Senhora das Graças abre suas portas no dia 15 de janeiro de 1915. Recebe esse nome segundo desejo do pároco Cônego Antônio dos Santos Cabral, que acreditava na coincidência de ter sido no dia da apresentação de Nossa Senhora, que ele teria feito sua viagem até Penedo para fazer o pedido de abertura do já citado colégio.¹¹

O colégio recém-fundado destinava-se a alunas com melhores condições financeiras, que podiam pagar através de qualquer espécie de mensalidade. No entanto, as irmãs sabiam que desde a origem, o olhar da Congregação sempre esteve voltado para os mais pobres e como que impelidas por essa força que as movera durante anos, começaram a olhar os arredores da cidade e perceberam a existência de outros tipos de necessidades. Havia crianças,

¹⁰ Cf. Crônica do Centenário III, II parte, p. 272-274

¹¹ Cf. Crônica do Centenário III, II parte, p.412

muitas delas sem a menor condição de pagar uma escola e por isso acabavam ficando sem estudar. As irmãs sentem que precisam fazer alguma coisa para socorrer essa gente, pois sabem o quanto é importante à presença dos mais pequeninos na missão por elas assumida. Assim, no dia 01 de setembro de 1916, decidem fundar a escola Santo Antônio, totalmente gratuita, tendo como principal objetivo educar as crianças menos favorecidas daquela região. O povo mostrava-se satisfeito com a presença das irmãs e, o bom trabalho que realizavam estendeu-se até a capital do estado de Sergipe – Aracaju.¹²

Vinte um anos depois desta fundação, as irmãs são convidadas para outra cidade do estado – Estância, a princesa do Piauítinga, para também aí, darem sua contribuição.

O colégio ¹³Sagrado Coração de Jesus, nasce a partir da necessidade que as pessoas representativas do município tinham de um estabelecimento de ensino que habilitasse seus filhos para o exercício da docência nas escolas rurais e primárias do Estado. Para que o projeto se realize, empenham-se o governador do Estado, o diretor geral da instrução pública e ainda o Bispo Diocesano. O edifício escolhido para fundação do colégio pertencia ao Arcebispo de Stobio, D. Manuel Raimundo de Melo, que o oferecera a Diocese de Aracaju. Logo, D. José Tomaz, destina-o a colégio feminino e para direção pede concurso das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, que já trabalhavam na Diocese de Propriá.

No dia 01 de março de 1936, dá-se a solenidade de inauguração do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Em pouco tempo, o mencionado colégio foi equiparado a “Escola Normal Ruy Barbosa”, o que resultou em maior credibilidade diante da sociedade estanciana.

O colégio de Estância também se destinava a meninas de melhor condição social, e por isso as irmãs fundam a escola para as pobrezinhas em honra de São José. Ter uma obra social que atendesse aos menos favorecidos era uma maneira que as irmãs tinham de serem fieis ao Carisma originário e, lembrar que sua vida e missão precisavam estar vinculadas aos mais pobres.

Passados quatro anos, as irmãs se lançam em mais um novo desafio, dessa vez a capital do estado será a escolhida.

Durante uma visita a Aracaju, a Madre Rosa de São Francisco e Ir. Cândida de Maria Imaculada sentem o desejo de fundar, nessa agradável cidade, outra escola destinada à educação de meninas, uma vez que constatam que o outro colégio de religiosas que existia na cidade estava superlotado. Ambas são muito devotas de São José, e por isso se dirigem a uma

¹² Cf. Crônica do Centenário III, II parte, p.415

¹³ Cf. Crônica do Centenário III, II parte, p. 1048

nova igreja que estava sendo construída em honra a esse venerável santo. De imediato visualizam um imenso terreno, que apesar de alagado seria ideal para o projeto da nova escola. A proposta é apresentada ao governo geral da Congregação e em 02 de outubro de 1938, as irmãs compram o referido terreno. A inauguração do Colégio Patrocínio de São José se dá no dia 07 de abril de 1940.¹⁴

2.1 Sob a inspiração de Francisco: concepções filosóficas da Congregação

Tem gente que tem cheiro de Deus. Ao lado delas a gente não acha que o amor é possível, a gente tem certeza. Ao lado delas a gente se sente visitando um lugar cheio de alegria [...] Tocando com os olhos os olhos da paz. Ao lado delas, saboreamos a delícia do toque suave que a sua presença sopra no nosso coração [...]. (JÁCOMO, Ana Cláudia Saldanha).¹⁵

Seria muito bom se as pessoas conseguissem sentir em nós o “cheiro de Deus”, e assim, fossem tocadas por Sua presença de paz. Que bom seria, se cada pessoa conseguisse dar de si o seu melhor, e tornasse o mundo um lugar cheio de alegria. Andamos todos necessitados de sonhos, esperança, fé, amor. Queremos acreditar em alguém que nos faça viver um sonho possível, verdadeiro. Para as Irmãs, esse alguém é Jesus de Nazaré.

A filosofia da Congregação nasce a partir de uma profunda experiência de Deus, experimentada a partir da pessoa de Jesus Cristo, razão da fé cristã. Mas, o amor a Deus implica amor ao próximo, expresso em gestos concretos de acolhimento. Deus é a razão de nosso existir, “porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos”(At. 17,28). Essa é a crença comum, que une todas as irmãs.

As Irmãs buscam viver segundo o Carisma da Congregação, assim expresso:

A Irmã Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição é uma pessoa escolhida e consagrada por Deus para seguir Jesus Cristo em fraternidade, e servir aos irmãos. Especialmente os mais necessitados, segundo o espírito das bem aventuranças, num processo de conversão contínua.

Como Irmã menor e a exemplo da Virgem Maria, serve e pobre, no acolhimento e na escuta do Verbo, compromete-se a viver a Hospitalidade, com alegria e simplicidade, em comunhão com a

¹⁴ Cf. Crônica do Centenário III, II parte, p.1098

¹⁵ In cheiro de flor quando ri (publicado em 09 de setembro de 2007) Cheiro de flor quando ri: Blog da autora que foi desativado em agosto de 2012. http://www.avozdapoesia.com.br/obras_1er.php?obra_id=44&poeta_id=227

Igreja, numa dimensão profético-missionária, inserida no mundo e situada no tempo.¹⁶

A Congregação tem como fim a glória de Deus, a santificação das irmãs e a caridade para com o próximo, pela hospitalidade e pela prática das obras de misericórdia, dando preferência aos mais necessitados e acudindo aos pobres e desvalidos, mesmo à custa da própria vida sem nunca fazer acepção de pessoas. (CC art. 3). As irmãs buscam viver o evangelho em fraternidade a partir do exemplo de Jesus, casto, pobre e obediente. Por isso, assumem os conselhos evangélicos, ou votos de castidade, pobreza e obediência, segundo a Regra de Vida dos irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis e Constituições próprias.¹⁷

As irmãs mantêm especial devoção a Virgem Maria, sob o título da Imaculada Conceição, considerada padroeira principal da Congregação. Também são padroeiros, São Francisco de Assis, pois assumem a espiritualidade franciscana, segundo a Regra da Terceira Ordem Regular; Santa Clara de Assis, o rosto feminino do ideal franciscano e Santa Izabel da Hungria, padroeira da Terceira Ordem Regular.¹⁸

Assim se apresenta o que chamamos de concepções filosóficas da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, ou talvez o seu ideal de vida, lembrando sempre do que dizia a fundadora Madre Maria Clara: *De bom grado daria eu a minha vida, para vos alcançar a felicidade da observância fiel do que prometestes ao Senhor e que requer o cumprimento da vossa palavra.* (Fontes da Confhic III, p. 15).

3“Um farol em meio às sombras”: crônicas da história da congregação.

“A seguir, tomou o pão, deu graças, partiu-o e lhes deu, dizendo: ‘Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim’.” (Lucas, 22,19).

A memória é uma forma de estar presente, de ser lembrado, é permanecer intacto mesmo com o passar do tempo, guardando informações, valores, transmitindo aos outros, o que foi vivido, experimentado.

O que sabemos da história da Congregação é resultado do esforço das irmãs em registrar os mais diversos acontecimentos que se davam nas pequenas comunidades como em

¹⁶ Constituições da Congregação, p.11

¹⁷ Constituições da Congregação, p.13

¹⁸ Constituições da Congregação, p. 14

toda Congregação. Esses textos. Escritos a partir da singularidade de cada irmã são chamados de crônicas. A crônica de 33, expressa o desejo que as irmãs tinham em transmitir a futura geração o legado do passado.

Era um dever não termos por mais tempo ocultos os tesouros com que Deus tem enriquecido a nossa querida Congregação, para nos servirem de estímulo e de farol no meio das dificuldades e sombras da presente vida. (Irmã Piedade. Crônica, 1932) ¹⁹

As irmãs são conscientes da importância dos registros para a construção da memória histórica da Congregação, uma vez que, a palavra escrita tem a força de evocar os sentimentos do passado, de modo que faça ressurgir no espírito de quem os lê o desejo de viver, de igual modo, o que foi vivido pelos que nos antecederam. Foi pensando nisso que a Congregação se preocupou em resgatar, ao longo do tempo, parte dessa memória, sabendo que ²⁰a memória não é apenas individual, mas coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo.

Por ocasião do centenário da Congregação, a Ir. Maria de Fátima Sanches, na época Superiora Geral da Congregação, pede ao Franciscano Frei Henrique Pinto Rema que escreva um livro, cujo título seria Crônica do Centenário da CONFHIC. A Congregação já possuía uma crônica datada de 1932, porém era um modelo de literatura oral. De início, pensou-se em dar continuidade ao que já existia, porém os novos tempos exigia uma reformulação desse precioso documento já existente. Assim, dá-se início a um processo de resgate da história da Congregação. Para tanto se faz necessário analisar os arquivos geral da Congregação, bem como os documentos existentes nas diversas casas da Confhlc, como também na Torre do Tombo, para onde foram levados os documentos durante a Revolução de 1910.

Durante o processo de construção da Crônica, foi-se percebendo que os primeiros registros escritos ainda haviam sido feitos no tempo da Fundadora, Irmã Maria Clara do Menino Jesus, do seu próprio punho. ²¹Esses registros continham informações acerca de cada religiosa como: nº de ordem, data de nascimento, nome da pretendente, nome que tomou na

¹⁹ Trecho extraído da dedicatória da Crônica de 1932, escrita pela Ir. Maria da Piedade, responsável de organizar a primeira Crônica da Congregação, com o objetivo de fazer conhecer a história congregacional a todas as irmãs.

²⁰ Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Ed. Contexto – São Paulo; 2006. Disponível em:<http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_MEM%C3%93RIA.pdf> Acesso em:28 abril 2015.

²¹ Cf. Crônica do Centenário p.11

associação, filiação, naturalidade, data de falecimento ou de quando saiu. Esse caderno de apontamentos era chamado O livro de matrículas.

A primeira Crônica começa a ser escrita ainda no tempo da Fundadora, pela Irmã Maria da Piedade, que naquela época exercia a função de conselheira geral. A princípio não queria o cargo, mas como não lhe deram dispensa, aceita de bom grado. A Crônica por ela escrita se intitula Livro Primeiro das Crônicas da Congregação das Irmãs Terceiras Regulares de São Francisco de Assis, Hospitaleiras Portuguesas.

O segundo registro é a já citada Crônica de 1933, que traz como título Crônica da Congregação das Religiosas Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, e tem como autora a Irmã Saudade de Jesus, que escreve por iniciativa da Irmã Maria Domingas da Conceição, na época Superiora Geral. Essa crônica é escrita unicamente para uso das religiosas e a autora aproveita para isso da boa memória da Irmã Escolástica dos Anjos “a filha primogênita da Congregação, pois foi a primeira que tomou o santo hábito em São Patrício, depois que a fundadora veio de Calais, e foi ela a que demais perto viveu com o fundador, o tratou na sua doença e lhe assistiu nos últimos momentos”. (Crônica do centenário, p.11).

Na crônica de 1933, são registradas a história da Congregação a partir da biografia dos fundadores e das madres gerais que lhes sucederam.²² A Irmã Saudade utiliza a perspectiva psicológica para narrar os fatos dando a visão de que são os grandes homens que constrói a história. No entanto, essa maneira de ver o mundo ignora questões objetivas, econômicas e sociais, conjunturas políticas e ideológicas, como fatores determinantes de muitas atitudes concretas. Já a Crônica do centenário, reelaborada por Frei Henrique Pinto Rema, tem a preocupação da história narrativa, ordena os acontecimentos do passado em vista da construção da memória da Congregação, partindo do princípio de que a reflexão sobre a própria História ajuda a compreender melhor o passado, tomar consciência do presente e projetar o futuro. O texto das crônicas ainda traz a perspectiva sociológica,²³ pois considera as circunstâncias do tempo e espaço, bem como as conjunturas políticas e sociais da época, responsáveis pelo surgimento da Congregação e da sensibilidade religiosa dos fundadores para com a necessidade da época.

Além desses textos que contém a história da Congregação, as irmãs dispõem de outros textos chamados de circulares, cartas que tem como objetivo informar assuntos de interesse geral, bem como refletir circunstâncias especiais, no caso das Congregações

²²REMA, Henrique Pinto. Crônica do Centenário, p. 21.

²³ Cf. REMA, Henrique Pinto. Crônica do Centenário p.21

religiosas, assuntos sobre o modo de vida, festas cristãs, entre outros. É numa dessas circulares que as irmãs tomam conhecimento do pensamento do Fundador em relação à missão que era desempenhada pela Congregação quando diz:

Oh, linda missão a vossa, minhas boas irmãs! Ides servir de mães educando; de anjos Rafaéis, ensinando o caminho do céu às crianças com as vossas lições, em as vossas palavras. (Circulares Pe. Raimundo, p.6)²⁴

É nas palavras do Fundador que se apresenta a missão de educar das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, essa educação aparece não como instrução, mas como ensino para essa classe proletária, ou seja, as irmãs nunca foram educadoras da classe média, mas educadoras dos pobres. Tinha como objetivo não só educar a inteligência, mas principalmente a educação do coração, visando a construção do ser humano como um todo. Podemos dizer que é desse texto que nasce a memória educacional na Congregação, pois ele comprova o ideal primeiro das irmãs que era atender as crianças desamparadas em Portugal no final do século dezenove.

E como se deu os registros na dimensão educacional da Congregação? De que forma as irmãs fazem memória dos acontecimentos vividos em cada colégio ao longo do tempo?

Como já mencionado anteriormente, faz parte do cotidiano das irmãs, o hábito do registro cronológico dos principais acontecimentos da comunidade, ou seja, as irmãs elegem alguém para assumir a função de cronista na comunidade religiosa. Essa irmã tem por obrigação registrar os eventos mais significativos que acontece durante o ano. Foi a partir desses registros que se conseguiu elaborar a história de cada instituição na Congregação. A memória educacional dos Colégios em Sergipe está toda registrada nesses livros chamados de crônicas, escritas a próprio punho pelas irmãs. Normalmente abre-se o caderno com um termo de abertura, que indica o objetivo dos textos ali escritos. O primeiro texto é a Ata de inauguração que narra de forma clara e objetiva como se deu a fundação do colégio, além de descrever todo ritual civil e religioso para abertura do mesmo. O texto também trás os vários decretos que são necessários para a instituição trabalhar legalmente na sociedade.

As páginas que se seguem vão mostrando como era o cotidiano das escolas, que atividades executavam e como aos poucos iam se organizando, conforme a realidade do lugar e a clientela que se apresentava. A princípio, os registros das crônicas eram textos corridos,

²⁴ BEIRÃO, Pe. Raimundo dos Anjos. Da alta missão que tem a desempenhar uma Irmã Hospitaleira. In: MOURA, Ir. Rosa Helena Mendes de. (org.). Circulares. Fátima: Tipografia de Fátima, s/d.

que transcreviam os acontecimentos do ano inteiro. Depois começaram a ser organizado por meses, o que dava a possibilidade de citar um maior número de acontecimentos, dentro daquele período. É o esquema que se usa até os dias atuais.

Ao realizar a leitura dos registros feitos pelas irmãs, ao longo desses anos, é possível perceber como a educação franciscana hospitaleira foi se construindo e consolidando nos três municípios de Sergipe: Propriá, Estância e Aracaju. Todas as irmãs que eram designadas a trabalhar em alguma das instituições estavam totalmente envolvidas com a realidade escolar, seja na gestão, sala de aula ou serviços gerais. Assim, a presença das religiosas se fazia sentir em todos os âmbitos do colégio.

Ao passar dos anos, com a diminuição do número de irmãs e com as mudanças que ocorre dentro da Igreja, principalmente com o Concílio Vaticano II, se faz necessário trabalhar com leigos. Essa troca de experiência, ajuda no crescimento da instituição, uma vez que agrega novos valores e conhecimentos no campo da educação. Sendo assim, a construção da memória educacional franciscana hospitaleira, acaba sendo edificada em conjunto com outros colaboradores, que de maneira significativa deu qualidade a ação educacional das irmãs.

Fazer memória, além de resgatar os acontecimentos do passado, também é reconhecer o protagonismo de todos aqueles que ao longo do tempo ajudaram a erigir essa memória, construída individual e coletivamente, porque carregam em si ideais de vida, valores nacionalistas ou religiosos, que ajudam a formar a identidade de determinado grupo na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A possibilidade de poder falar sobre a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, através do processo de construção da sua memória educacional, é muito importante para se compreender melhor as instituições religiosas, ainda vistas com certo “preconceito”, pois o fato de se declararem confessionais incomoda de alguma forma, o mundo acadêmico. Isso se torna perceptível pelos poucos trabalhos científicos que encontramos falando dessas instituições.

Durante a pesquisa pôde-se perceber que o rumo da história, muitas vezes considerado catastrófico, pôde contribuir para o surgimento de outras realidades. É o que acontece com as irmãs hospitaleiras, que vem para o Brasil, devido à perseguição religiosa

que ocorria em Portugal no início do século vinte. E, além delas, muitas outras Congregações surgem a partir de realidades sociais nada agradáveis, e é essa realidade que faz toda diferença, pois a partir dela surge um novo jeito de atender os marginalizados da época.

Além disso, é preciso lembrar que a vida dessas congregações femininas para o Brasil também expressa uma perspectiva pouco estudada no país. Trata-se da relação entre o processo de reforma devocional católica e a renovação das práticas educativas com a criação de escolas confessionais.

É claro que a educação oferecida ao longo do tempo por essas instituições, precisou se adaptar as mudanças sociais, econômicas, políticas e religiosas de cada época. Também elas, precisaram de certa forma, rever suas práticas e atualizar o Carisma fundacional, de modo que o trabalho exercido correspondesse os objetivos primeiro da Congregação. O que se percebe é que, na maioria das vezes, essas ordens religiosas preencheram as lacunas que o Estado não conseguia dar conta, ampliando o leque de atividades exercido pelos mais diversos institutos.

Discutir a memória das ordens religiosas, no campo educacional, como foi o objetivo dessa pesquisa, ajudou a perceber que por traz da fundação de uma escola, normalmente destinada a classe mais elevada, surgia também outro tipo de escola, destinada a crianças e jovens que não tinham acesso a escola particular. Vale destacar que esses colégios eram destinados a educação feminina, o que é significativo para época, uma vez que as mulheres tinham pouco acesso a educação.

Por outro lado, essa pesquisa não conseguiu mostrar, a importância e a contribuição que o colégio de Propriá, Estância e Aracaju, ofereceram aos seus respectivos municípios, uma vez que se deteve apenas na construção da memória educacional da Congregação. No entanto, essa pesquisa confirma a importância da memória individual e coletiva, porque elas podem se transformar em alicerce para o conhecimento do próprio cotidiano e recuperam o que está submerso, seja do indivíduo ou do grupo, contribuindo para a construção de sua identidade.

Espero que este trabalho nos ajude a descobrir a beleza que existe no trabalho minucioso de tantas mulheres, que um dia, deixaram tantas outras possibilidades na vida, para se dedicar de corpo e alma ao serviço do próximo, não importando o *onde* nem o *como*. Não seria exagerado dizer que uma escolha pode mudar o destino de centenas e até milhares de vida. Só é preciso olhar.

REFERÊNCIAS:

BONIFACIO, Nadja Santos. "ACOLHER, EVANGELIZAR E EDUCAR": Contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para Educação Feminina em Aracaju (1914-1952). 2011.

Página |
103

BONIFACIO, Nadja Santos. "ACOLHER, EVANGELIZAR E EDUCAR": Contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para Educação Feminina em Aracaju (1914-1952). 2011.

CC – Constituições da Confhuc, 2010.

Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva Ed.Contexto – São Paulo; 2006. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_MEM%C3%93RIA.pdf> Acesso em: 28 abril 2015.

LE GOFF, Jaques. História e memória. Campinas: São Paulo da UNICAMP.1990

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. Contribuições de Dom Luciano José Cabral Durte ao ensino superior sergipano (1950-1968) 2009.

REMA, Henrique Pinto. CRÔNICA DO CENTENÁRIO II: Da origem até a República (1871-1910) Editorial Franciscana-Braga, 1979.

REMA, Henrique Pinto. CRÔNICA DO CENTENÁRIO IIIA Congregação na Clandestinidade e no estrangeiro, II parte (1910-1940) Gráfica de Coimbra, 2008.

SANTOS, Ana Luzia. Educação na Imprensa Católica: As representações do jornal A Defesa sobre a formação da juventude (1961-1969) 2006.

Artigo Recebido em 28 de junho de 2015.

Aprovado em 30 de agosto de 2015.